



A educação intelectual, física e moral das normalistas no *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado* (1917-1918)

The intellectual, physical and moral education of normalistas in the *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado* (1917-1918)

*Ariza Maria Rocha*¹

RESUMO

Qual o futuro das moças em nosso país nesse meio social em que vivemos? Esta comunicação visa analisar a educação intelectual, física e moral da normalista do Rio de Janeiro veiculada no *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado* (1917-1918).

PALAVRAS-CHAVE: Escola Normal. Revista Feminina. História da Educação.

ABSTRACT

What is the future of girls in our country in this society in which we live? This communication aims to analyze the intellectual, physical and moral education of normalista in Rio de Janeiro published in the *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado* (1917-1918).

KEYWORDS: Escola Normal. Women's Magazine. Education of History.

* * *

Introdução

Qual o futuro das moças em nosso país nesse meio social em que vivemos? Essa pergunta refletia a preocupação da sociedade carioca no início do século XX nas páginas do periódico *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado* (1917-1918), cujo título fala por si no propósito de transmitir conhecimentos intelectual, físico e moral, em especial ao público feminino, além de entreter leitores e leitoras do Rio de Janeiro. O *Futuro das Moças* teve o primeiro

¹ Pós-doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FL-ULisboa). Formada em Educação Física pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Líder do Núcleo de Pesquisa, Estudo e Extensão em Educação Física. Professora com dedicação exclusiva, classe adjunta, nível "O", da Universidade Regional do Cariri (Urca). Docente permanente no mestrado profissional em Educação da Urca. Pesquisadora nas áreas de História Cultural da Alimentação, Corpo e Saúde. *E-mail:* <arizarocha2000@yahoo.com.br>.

volume publicado em 4 de abril de 1917 e estendeu suas publicações até 13 de fevereiro de 1918, informando sobre a vida social, cultural, religiosa, artística, esportiva e de lazer, bem como trazendo anúncios de produtos variados e temas que preocupavam aquela conjuntura, a exemplo do divórcio, da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e do direito político da mulher.

O público feminino era o alvo do Semanário, contudo destacarei aqui a atenção dispensada às normalistas nos exemplares do *Futuro das Moças*, presente não somente pela expressiva quantidade de seções, como também pelo teor dos conselhos e repreensões ao comportamento e à conduta moral direcionados às estudantes da Escola Normal.

As normalistas eram alunas do ensino secundarista público nas Escolas Normais, as quais seriam futuramente as professoras do ensino primário. Respeitadas na sociedade, as professoras eram cobradas pela postura, comportamento e conhecimento dignos ao magistério da época. Assim, além da formação teórico-pedagógica, exigiam-se o comportamento-modelo e a moral digna do papel de professora, esposa e mãe.

Consoante com a proposta da Escola Normal, o semanário acompanhava a vida das normalistas dentro e fora do muro da formação oficial, destinando elogios, conselhos e censuras ao comportamento das normalistas e da sua conduta moral diante do “sexo forte”. Nesse contexto, indago: qual era o perfil da normalista carioca defendido pelo Semanário *Futuro das Moças* naquele período?

Este artigo visa analisar a educação intelectual, física e moral da normalista do Rio de Janeiro veiculada no *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado* (1917-1918). Justifico tal escolha pela importância de compreender os laços extensivos da educação formal (Escola Normal) com a educação fora dos muros do referido estabelecimento, que circulava em vários espaços sociais. Nesse sentido, convém “estudar um pouco essas influências fora da escola, que muitas vezes são decisivas na formação do nosso caráter e da nossa personalidade” (NAGLE, 2002, s.p.).

Como referencial teórico sobre a Escola Normal, apoiei-me na obra literária de Adolfo Caminha (1985) e nos estudos de Kulesza (1998), Lourenço

Filho (2001), Monarcha (1999), Tanuri (1970), entre outros. No percurso metodológico, recorri à pesquisa bibliográfica e ao estudo histórico-documental do periódico *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado*, tendo sido seus números publicados entre 1917 e 1918, digitalizados e disponíveis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. A publicação teve 35 números e muitas ilustrações das mulheres da sociedade. Como subgrupo temático, enfoquei as matérias direcionadas às normalistas, a exemplo das concludentes da Escola Normal, do correio, das alfinetadas, dos programas adotados na Escola Normal e principalmente dos conselhos, além de outros textos que evidenciavam o teor moralista.

Esta artigo está dividida em outros quatro tópicos além desta Introdução, a saber: “O *Futuro das Moças* e a imprensa feminina”; “Escola Normal no *Futuro das Moças*”; “Como deve se comportar uma normalista? Conselhos e alfinetadas no *Futuro das Moças*”; e “Conclusão”.

Diante da longa luta da emancipação feminina, a qual continua, a relevância deste contributo está na reflexão das exigências no comportamento e nos valores morais na formação das professoras, escritoras, mães, solteiras, casadas, enfim, das mulheres brasileiras do início do século XX.

O *Futuro das Moças* e a imprensa feminina

Data desde o século XVII a imprensa feminina como espaço comunicativo de assuntos ligados às questões do “belo sexo” na Inglaterra. Já no Brasil, as revistas femininas estrearam no século XIX (SABINO, 2015) e, ao longo do século XX, intensificaram-se com o apoio tecnológico no uso de imagem, ilustração e ornamentações ao longo das páginas da imprensa brasileira. Fruto dessa época, o *Futuro das Moças* informava as leitoras sobre os problemas vigentes naquele contexto, a exemplo do divórcio e da Primeira Guerra Mundial, mas também “instruía deleitando” o público feminino com as seções musicais, festas nos clubes da elite, teatro, moda, charadas, sonetos, correio do amor, intitulado “Pelo Telegrapho”, etc., com o propósito de preparar

“[...] a jovem de hoje será a mãe de família de amanhã, e o filho de amanhã será o homem do futuro” (*Futuro das Moças*, 23/05/1917).

O semanário contava com leitoras e leitores como público e colaboradores que voltassem para a temática do *Futuro das Moças*. Visto por esse ângulo, o alvo era a educação das jovens cariocas, daí contar com as colaboradoras femininas que enviavam suas ideias na forma de crônicas, poemas, sonetos, músicas e concepções ora revolucionárias, ora conservadoras, o que não diminui o mérito de formar a opinião e a participação feminina no semanário e também na sociedade brasileira.

Inicialmente o semanário era dirigido por Publio Pinto, Raul Waldeck (redator-chefe) e Nestor Guedes (redator-secretário), contudo posteriormente, precisamente na edição do número 14, sem alteração no formato e no conteúdo e muito menos sem uma explicação plausível, o periódico, em uma cordial passagem, foi para as mãos de Ismael Loureiro (diretor), Raul Waldeck (redator-chefe), Veiga Cabral (redator-secretário), J. Guimarães (diretor-gerente) e Argemiro Bulcão, A. Dardeau, Coelho Antunes e Antônio Carvalho (redatores). A redação e a administração funcionavam na rua Urugayana, número 77, Rio de Janeiro.

Embora a redação estivesse nas mãos masculinas, a revista contava com a colaboração das mulheres, tais como Cecília Netto Teixeira (Álbum Charadístico), Jurema Olivia (Chronica) e Consuelo Fernandes, correspondente de Lisboa, entre outras. Contudo, ao longo das páginas do periódico, era possível encontrar autores assinando com nomes completos e outros apenas com pseudônimos, a exemplo de Mancebo, Sereia, Idealista, Luso-Brasileiro, Santa, Sogrinha, Luzitana, etc. Já nas mensagens, ou “indiretas”, transmitidas “Pelo Telegrapho”, os leitores as endereçavam da seguinte forma: “Ao meu estremecido Dagoberto”, “Ao Armando Campos”, “Ao distinto amiguinho Carlindo Conto”, “Á distinta Mlle. Edith de Azeredo”, etc.

O semanário continha, em média, 30 a 40 páginas por número e era publicado às quartas-feiras. As assinaturas avulsas custavam 300 réis anuais, porém, como forma de fidelização da clientela, o periódico recorria à estratégia de preço anual, que custava 13\$000, e semestral, 7\$000, além do

relacionamento próximo com o cliente através da correspondência, dos prêmios e dos concursos realizados por bairro, na então capital da república.

As mulheres cariocas eram o público-alvo do periódico, da capa às várias seções. Segundo os organizadores, “Ha muito se vem notando a falta de uma revista feminina que acceite, como deve acceitar, a collaboração de moças, franqueándo-lhes integralmente as suas páginas” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917). O *Futuro das Moças* continha também seções voltadas ao público masculino.

As capas traziam as mulheres que representavam aquela sociedade. Eram jovens e senhoras das mais diversas áreas da elite da capital da república que eram homenageadas desde o primeiro até ao último número do semanário, cumprindo o propósito do periódico, como segue a ilustração adiante:

Figura 1 – Futuro das Moças



Fonte: *Futuro das Moças* (04/04/1917).

Além da capa, a presença feminina estava em várias seções e anúncios, todavia não se pode menosprezar a imagem masculina nas páginas da revista, como uma forma de exaltar as qualidades de um algum bacharel e/ou esportista ou até mesmo em tom de “galhofa”. O semanário “[...] é a arena onde, em diferentes secções, torna-se a tribuna de defeza da mulher, como o

escrínio de escriptos reveladores de seu adamantino talento” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917). Com esse propósito, continha:

- “A Moda”: seção responsável pela divulgação de ilustração de modelos de roupas femininas em voga com anúncios da vestimenta feminina e masculina;
- “Album Charadístico”: os leitores enviavam as mais diversas charadas para entreter o público, no entanto era preciso seguir o regulamento, segundo o qual “[...] nenhum charadista poderá colaborar sem que primeiramente se inscreva. Para preenchimento dessa formalidade é necessário que nos envie o seu nome verdadeiro, pseudonymo (se o quizer uzar) e residência” (*Futuro das Moças*, 18/04/1917);
- “Alfinetadas”: críticas irônicas e, às vezes, elogiosas. O escolhido era descrito pelas características físicas, mencionando-se apenas as iniciais do nome; atiravam-se as indiretas na epiderme e na vaidade;
- Anúncio diversificado na venda de sapato, roupa, remédios, etc., serviços (aulas particulares) e aqueles que procuravam marido/esposa;
- “Avulsos”: englobava o *foot-ball*, *club*, festas, apresentação de bacharéis à sociedade (as jovens), entre outros assuntos;
- “Chronica”: era o editorial do semanário que apresentava temas pertinentes naquela época, a exemplo da posição da mulher na “*sciencia*”, divórcio, nacionalismo, Guerra Mundial, contribuição de Santos Dumont na aviação, entre outros;
- “Concurso de Beleza”: ocorria pelos bairros cariocas (Tijuca, São Cristóvão, Meyer, etc.). Aquelas que “obtiverem em cada uma dessas localidades o maior numero de votos receberão uma chic lembrança de valor, offerecida pela nossa redacção” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917).
- “Galeria dos homens célebres em todas as manifestações de espirito humano”: seção escrita por Helena P. Nogueira, que ilustrava a vida de Cristóvão Colombo, entre outros;

- “Instantaneo”: através da fotografia, registravam-se senhoras elegantes passeando pelas ruas da capital, a exemplo da avenida Rio Branco, ou saindo da missa aos sábados;
- “Instruir Deleitando”: seção na qual Alice de Almeida apresentava aos leitores a mitologia grega, como “Baccho” (Baco), o deus do vinho;
- “Secção de Felicidade”: seção escrita por Mr. Edmond, “dotado de excepcional mediunidade intuitiva e clarividente, que consultava e respondia as cartas dos leitores com conselhos para desvendar o véo misterioso do futuro” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917).
- “Páginas Úteis e Instructivas”: seção de autoria de Helena D. Nogueira, que apresentava “Apontamentos de Mathematica”, “Arithmetica” e “Portuguez”, cujo programa de estudo era da Escola Normal, referência na formação de docentes para o ensino primário na capital, bem como em todo Brasil;
- “Pelo Telegrapho”: através de pseudônimos, os leitores enviavam as mensagens amorosas, como, por exemplo: “Não pense suicídio. Amor normalista é fogo palha. Conselheiro” (*Futuro das Moças*, 09/05/1917);
- “Pensamentos”: de autoria desconhecida, em que se apresentavam pensamentos variados dos “Grandes Vultos da Literatura Universal” sobre “a mulher, o amor, o casamento, a paixão, a amisade, a affeição, a beleza, o ciúme, etc., etc.” (*Futuro das Moças*, 18/04/1917);
- “Perfis Musicistas”: seção assinada pelo “Detective” e pela “Audaciosa”, que acompanhavam aqueles que se destacavam na música, entretanto nem sempre as críticas eram pelos dotes artísticos, e sim pelo comportamento ou dotes físicos, conforme as palavras do autor: “Preparadissima nos estudos, educada, delicada, sincera, Mlle. A. não possui entretanto beileza...valendo-se apenas da sua sympathia” (*Futuro das Moças*, 18/04/1917);
- “Perfis Academicos”: na mesma linha dos perfis descritos anteriormente, com foco nos acadêmicos da Faculdade de Medicina da capital;

- “Postaes”: seção destinada a recados amorosos;
- “Trabalhos Femininos”: escrita por *mademoiselle* Gaby, que apresentava “pyrogravura” para bordados, pinturas, receitas culinárias (frango recheado, couve-flor com molho de tomate, creme de chocolate, papos de anjo, etc.) e outros conselhos para os serviços domésticos;
- “Secção Theatral”: de autoria de S. Martinez, que apresentava os artistas que se destacavam no teatro, como a atriz Aida Arce, entre outras;
- “Partitura”: seção destinada às músicas enviadas por diversos colaboradores com temas amorosos;
- Sonetos diversificados feitos pelos leitores;
- Outros.

Diante do exposto, a revista apresentava-se diversificada, porém sem esquecer a áurea que revestia o papel da mulher, tanto em relação ao conteúdo do periódico quanto em relação ao público-alvo, a ponto de confundir a imprensa feminina com a feminista (DUARTE, 2016), que ora apresentava ideias vanguardistas, ora conservadoras, por exemplo: o trabalho feminino e o debate em torno do voto das mulheres.

Além das citadas temáticas, havia a seção “Perfil de Normalista”, em que eram divulgados temas como as concludentes, professoras e professores que atuavam na Escola Normal, o programa de Português da referida Escola, além da homenagem às aniversariantes do mês e até as condolências aos familiares dessa importante instituição educacional, que influenciou na formação docente, expondo um movimento de aproximação entre cruzamento e possíveis diálogos com a imprensa feminina brasileira, a respeito da qual tratarei na seção posterior.

A Escola Normal no *Futuro das Moças*

Foi em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, que se deu a instalação da primeira Escola Normal brasileira (decreto n.º 10, em 10 de abril de 1835).

Embora marcada por muitas vicissitudes, inclusive com fechamento, retornando apenas anos depois, a institucionalização (KULESZA, 1998) do referido estabelecimento educacional compõe um importante papel na história educacional do Brasil.

A Escola Normal seria a escola-modelo para a aprendizagem da prática pedagógica (LOURENÇO FILHO, 2001), sendo responsável pela formação de professores para lecionar as primeiras séries das escolas do país, em que, na ocasião, estudavam juntos moças e rapazes, no entanto, segundo Gomez e Ramos (2017, p. 136), crescia “a importância da figura feminina como primeira educadora na família, principalmente no aspecto moral, ganha bastante destaque, tanto que o número de mulheres durante muito tempo foi superior ao de homens no magistério”.

A formação do novo homem mediante os anseios da revolução francesa, a exemplo da laicização da escola e da responsabilidade do Estado pela educação pública, foi um dos ideias que influenciaram a criação da Escola Normal brasileira (TANURI, 1970). Com esse propósito, era preciso formar professores para a escola pública. Sobre isso, Sousa (S/D) comenta que a preparação de mestres ocorreu desde 1827, com a criação de Escolas de Primeiras Letras, por D. Pedro I (lei de 15 de outubro de 1827), através do ensino mútuo. Já para Nagle (2002), a preocupação com a Escola Normal foi resultado da expansão da escola primária e do interesse na modernização do Estado.

A partir de então, entrou na pauta das discussões educacionais a preocupação com a formação de professores habilitados para as escolas primárias, desembocando na criação das primeiras Escolas Normais² no Brasil em meados do século XIX. Silva (2001, p. 4) explica que essas medidas “[...] só se desenvolveram efetivamente a partir de 1870 [e] tiveram vinculação com a expansão dos princípios liberais, que defendiam a extensão, a obrigatoriedade e a liberdade de ensino para todas as camadas da população”.

² Por ordem cronológica, temos a primeira Escola Normal do Brasil criada em 1835, em Niterói; no ano seguinte, na Bahia; em 1839, no Pará; em 1845, no Ceará; em 1846, em São Paulo; em 1854, na Paraíba (PRIMITIVO, 1938; SOUSA, S/D).

Na legislação nacional, encontramos, em 1876, o decreto n.º 6.370, de 30 de setembro, que abordava os cursos das duas Escolas Normais criadas no município da corte, uma para professores em regime de externato e outra na forma de internato (PRIMITIVO, 1938), ambas com duração de três anos e gratuitas.

A Escola Normal, ao longo da sua história, passou por várias mudanças que afetaram a estrutura do ensino, a exemplo da alteração das exigências para a matrícula no primeiro ano da escola, em que era imprescindível o exame médico para avaliar as condições físicas das normalistas, o que se coadunava com o pensamento higienista da época. Somam-se a isso ainda os seguintes documentos: “Certidão de idade de 16 anos; aprovação em exames de admissão; atestado de aptidão literária e distinta moralidade, passados pelo paróquio e professores com quem estudou nos últimos três anos” (PRIMITIVO, 1938, p. 303, grifei). Os princípios morais também estavam presentes no currículo escolar. A esse respeito, Gomez e Ramos (2017, p. 136) explicam:

As escolas deveriam ensinar e inculcar valores morais, de modo que os professores formados nestas escolas seriam mais mestres de moralidade do que alguém que transmitia conhecimentos. Isto também se expressava nos critérios de admissão dos candidatos ao magistério, já que eram privilegiados os aspectos de conduta sobre o conhecimento na área.

De acordo com as mencionadas exigências, principalmente com a “aptidão literária e distinta moralidade”, o *Futuro das Moças* divulgava o papel da Escola Normal, pois “Só a instrução em suas diversas modalidades, já nas letras, já nas sciencias, já nas artes, poderá fornecer o material necessário para o bom desempenho das funcções de que a mulher for investida” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917).

A Escola Normal representou uma importante transformação na imagem da mulher, visto que como normalista conquistou o direito de andar sozinha pelas ruas da cidade e ter acesso à leitura de alguns livros considerados perniciosos ao “belo sexo”, além de outras conquistas, conforme

a descrição feita pelo escritor aracatiense Adolfo Caminha (1867-1897) na obra *A normalista*:

Havia meses que Maria do Carmo cursava a Escola Normal. Sua vida agora traduzia-se em ler romances que pedia emprestados a Lídia, toda preocupada com bailes, passeios, modas e tutti quanti... Ia à Escola todos os dias vestidinha com simplicidade, muito limpa, mangas curtas evidenciando o meio braço moreno e roliço, em cabelo, o guarda-sol de seda na mão, por ali afora - toc, toc, toc - até à praça do Patrocínio, como uma grande senhora independente. (CAMINHA, 1985, p. 17).

Eis o perfil da normalista na obra literária, que, de certa forma, ia além do reduto doméstico e tomava o espaço público, profissional e intelectual, representando uma projeção social. Entretanto, nesse contexto, mais se exigia da imagem da mulher que era acompanhada e julgada pelo seu comportamento e conduta moral, em particular no *Futuro das Moças*, pois, segundo os organizadores do Semanário, empregaram “o máximo esforço para que o Bello Sexo nos sirva de baluarte e nos anime neste caminho que temos de encetar” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917).

Parto inicialmente da capa do periódico, que estampava a fotografia de mulheres exemplares daquela sociedade, tais como artistas (soprano e pianista Julieta Corrêa; pianista Gina Ronchini), poetisa (Gilka Machado), professoras (Estephania M. Manso; Haydéa Llor-Meyll), entre outras colaboradoras “apreciadas pela esmerada educação e grande intelligencia” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917). Tais exemplos seriam incentivo, haja vista que, “com essa incitação às outras de seu sexo, surgem litteratas, prosadoras, pensadoras ou poetisas, cientistas e artistas” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917).

O periódico divulgava os avisos de falecimentos das normalistas³, versos de amor, saudade e amizade, datas natalícias, homenagem aos docentes de outras regiões brasileiras, a exemplo de Severina Guimarães

³ A exemplo da normalista Carmem Silva, que era aluna do 8º ano e correspondente do Semanário, além de outras revistas da capital (*Futuro das Moças*, 09/05/1917).

Barreto, professora do Rio Grande do Norte (*Futuro das Moças*, 20/06/1917), de Corina Barreiros, de Minas Gerais (*Futuro das Moças*, 27/06/1917), de Leonor Silva e Roza Albano, do Rio de Janeiro (*Futuro das Moças*, 04/07/1917), ademais da fotografia das concludentes do ano de 1916, conforme segue ilustração:

Figura 2 – As concludentes de 1916



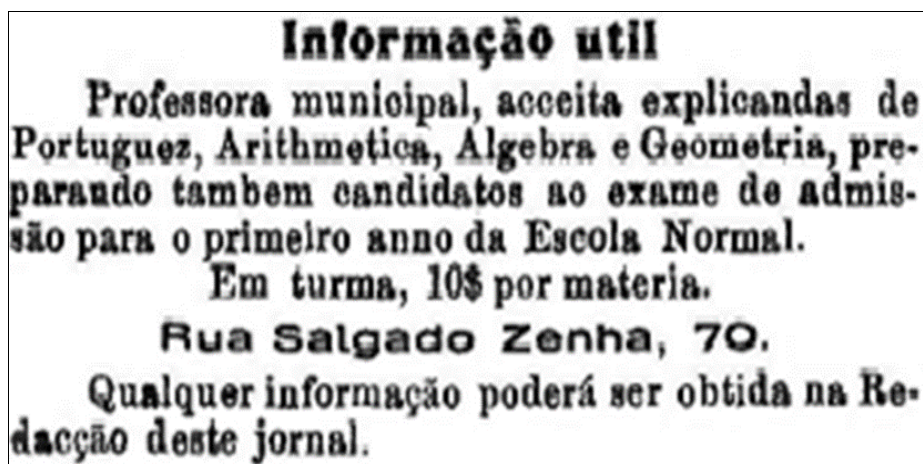
Fonte: *Futuro das Moças* (04/07/1917).

As senhoritas, ou *mademoiselles*, segundo a escrita da época adotada pela influência francesa, sem esquecer o emprego de algumas palavras no idioma inglês ao longo do semanário, eram Jurema Pecegueiro do Amaral, Nair Werneck Machado e Rosina Mathilde Bellegamba, entre outras concludentes de 1916.

Já nas “Páginas Uteis e Instructivas”, o Semanário divulgava o “estudo practico de grammatica, de acordo com o programma da Escola Normal”, que constava: “1 Anno, II ponto – Prosodia: da acentuação e da quantidade” (*Futuro das Moças*, 25/04/1917), “III Ponto: Metaplasmas” (*Futuro das Moças*, 02/05/1917), “IV Ponto: Orthographia – Notações Léxicas e Syntaxicas” (*Futuro das Moças*, 16/05/1917), “V Ponto: Classificação dos Vocábulos – Categorias Grammaticaes” (*Futuro das Moças*, 20/06/1917), “Genero” (*Futuro das Moças*, 26/09/2017). Essa divulgação ajudaria na preparação de outras pessoas que

tencionassem a aprovação nos exames de admissão da referida instituição, contudo não faltaram anúncios de professoras oferecendo aulas particulares, como ilustra a figura à frente:

Figura 3 – Anúncio: “Informação útil”



Fonte: *Futuro das Moças* (16/05/1917).

A relação do semanário e da Escola Normal era bem próxima, não somente nos anúncios, mas também na educação intelectual demonstrada em várias seções, conforme já mencionado anteriormente.

Nas páginas do Semanário, havia os “Trabalhos Femininos” de *mademoiselle* Gaby (não há sobrenome), que ensinava as leitoras sobre as fotogravuras para almofadas, pinturas em tecidos, bordados e receitas culinárias com os menus frango recheado, couve-flor com molho de tomate, creme de chocolate, papos de anjo, dentre outros conselhos considerados úteis. Tais “Trabalhos Femininos” aproximavam-se do currículo das Escolas Normais, a exemplo daquele situado no Ceará, cujo regulamento de 3 de setembro de 1896 instituía a mudança de sete cadeiras e três aulas para 13 cadeiras, incluídas as três aulas, mudando a nomenclatura de “Aulas de Prendas Domésticas” para “Trabalhos de Agulha e Economia Doméstica” (SILVA, 2001, p. 120).

Além disso, havia um acompanhamento, ou melhor, um disciplinamento do comportamento e da moral dos estudantes da Escola Normal, porém focarei no sexo feminino. Às mulheres tal disciplinamento

dava-se através de elogios ou repreensões ao comportamento e à conduta, como futuras professoras; exigia-se que fossem dignas, tal qual o papel “natural” da maternidade.

Assim, vozes externas somaram-se às expectativas para que as normalistas se adaptassem às convenções sociais de comportamento e de conduta moral, como sinalizadores da dignidade da professora, entre elas o *Semanário Ilustrado*. Na próxima seção, apresentarei o perfil da normalista e as alfinetadas que as normalistas levavam diante do público.

Como deve se comportar uma normalista? Conselhos e alfinetadas no *Futuro das Moças*

Para além do reduto doméstico e amoroso, a mulher tomava o espaço público pela profissionalização da professora, que significava uma conquista diária e acompanhada por todos, inclusive pela imprensa feminina, em especial o *Futuro das Moças*, que, além de instruir, entreter e veicular as ideias e a iniciação à arte da escrita das jovens, também cumpria o papel de disciplinar diluído nas entrelinhas e linhas das seções “Perfil de Normalista” e “Alfinetadas”, das quais citarei alguns exemplos para que se tenha clareza do que aqui escrevo.

Inicialmente apresentarei um recorte do “Perfil de Normalista”, publicado no primeiro número e assinado pelo pseudônimo “Feiticeira”, que solicita “ás distintas e gentis ‘perfiladas’ não se zangarem a uma phrase mais severa, pois é minha intenção dizer somente verdades, retratando fielmente o physico e o moral de cada uma constantemente diante dos olhos”. E vai as alfinetadas para as normalistas. A primeira estudante foi apresentada com as seguintes características físicas, intelectuais e morais:

Via eu perfil leve e gracioso de uma normalista, quando cahiu-me ás mãos (atirado provavelmente pelo porteiro do céu) um papelucho contendo tudo quanto diz respeito á referida jovem. — Obrigadinha... São Pedro! Pensei. E

lá vão as alfinetadas. [...]. De regular altura e morena, possui Mlle. um rosto ligeiramente oval; olhos grandes e pretos, cabelos negros, curtos e em cachos, sobre os quais repousa o artístico e indispensável laçarote ‘espanta boi’ (vermelho). Nariz pequeno e correcto; bocca bem conformada, de lábios finos e bonitos dentinhos. Mlle. M. da S. M., que conta 18 annos, traja-se quasi sempre de claro e usa os vestidos tão curtos que a chamam de ‘dansarina’! Dotada de um gênio exuberante de alegria e positivamente levada da breca, revoluciona o quarteirão inteiro em companhia de duas amiguinhas inseparáveis, moradoras na mesma rua. Mlle. está repetindo o Iº anno e diz sempre não ter tempo para estudar... Boa essa! [...] e como pode ficar horas a fio conversando com o seu ‘bijou’ na padaria próxima, fazendo o digno negociante arrancar os cabellos... perdão! Elle é careca! Furioso com os segredinhos...?! Tempo ha de sobra, o que lhe falta é boa vontade e juízo. No entanto, uma moça, com 18 annos, não é, a meu ver, nenhuma ‘nenêzinha’ que necessite de palmatória para estudar com afinco. Mlle. M. da S. M., que é uma ‘flirt woman’ consummada, affirma categoricamente não poder namorar um rapaz alem de 30 dias! [...] (ficam os mancebos avisados da praxe!). Eu já sei que Mlle. vae ficar ‘furiosa’ commigo e desmanchar-se em impropérios como manteiga no tempo de calor... Cuidado com... a ‘isolação’! E agora um ultimo conselho: deixe os rapazes em paz e estude para não ficar cognominada o ‘caranguejo’... como já anda rosnando lá pela Escola. (*Futuro das Moças*, 04/04/1917).

O recado da “Feiticeira” endereçado à normalista M. da S. M., que, pela descrição física, era graciosa e glamorosa, a qual, todavia, por usar saias curtas, não apresentava o comportamento das “boas moças”, além do mais a referida estudante, por “não deixar os mancebos em paz”, não se dedicava aos estudos por não ter tempo. A alfinetada era dada nas páginas que o público do *Futuro das Moças* acompanhava, como também o conselho: “estude para não ficar cognominada ‘caranguejo’”, ou seja, significava que não iria para frente, somente para os lados, como o crustáceo.

Tratava-se das normalistas de saias curtas, das namoradeiras, daquelas que ocultavam a verdade sobre a idade, das soberbas, das fofoqueiras, das vaidosas que abusavam do *rouge* no rosto, daquelas que não

estudavam, enfim, nada passava despercebido na Escola Normal, nem o caráter das jovens, conforme as palavras de “Annistia”:

Das alumnas da 5^a turma do 2^a anno, a mais ‘estudiosa’ é Yvonne; a mais ‘espalhafatosa’ e fiteira, Sylvia Machado; a mais ‘medrosa’, Odysséa; a mais ‘tola’, Ottilia; a mais ‘convencida’, Ranulphina; a mais ‘encantadora’, Rosalina Fagundes; a mais ‘risonha’, Zelinda; a mais ‘bonita’, Rabina; a mais ‘apaixonada’, Zulmira Gonzalez; a mais ‘saudososa’, Odylla Coutinho; a mais ‘fujona das aulas’, Odylla Buricbe; a mais ‘vadia’, Wanda Rodrigues; a mais ‘travessa’, Violeta; a mais ‘germanophila’, Sophia; a mais ‘engraçadinha’, Suzanna; a mais ‘sonsa’, Oneida; a mais ‘criança’, Olga Menezes; a mais ‘saliente’, Olga Coimbra; a menos ‘colladeira’, Zilda de Oliveira; a mais ‘egoísta’, Odyliade Oliveira; a mais ‘delicada’, Rosa Gomes de Souza; a mais ‘tenente’, Philomena Farias; e eu sou de vocês a ‘mexeriqueira’. Annistia. (*Futuro das Moças*, 06/06/1917).

Nem romances truncados eram perdoados, pois, segundo a revista: “Precisa-se de um pouco de critério e de muita grammatica para injectar na cachóla de certas mocinhas que pretendem ficar celebres com os seus auto-retratos *psychologicos*” (*Futuro das Moças*, 04/04/1917).

As alfinetadas eram ácidas e revelavam o quanto as normalistas tinham os comportamentos e condutas observados, não obstante a ironia da “Feiticeira” apoiava-se na máxima: “*Ridendo castigat mores*” — “*Rindo corrigem-se os costumes*”. Outros exemplos de advertências do Semanário poderiam ser multiplicados.

Cabe ressaltar, porém, que não se diziam apenas palavras maldosas, havia também comentários para enaltecer as normalistas estudiosas e exemplares:

Mlle. Z. D. V. — Bastante sympathica, esta nossa ‘perfilada’ contando 21 primaveras cursa o 4^o anno da E. Normal, onde muito se tem distinguido, merecendo os mais justos elogios pelo seu gênio razoável e uma extrema delicadeza. De altura regular e clara, possui uma basta cabelleira castanha, sempre penteada com esmero; as toilettes ‘au dernier cri’ assentam-lhe

maravilhosamente, a despeito de um certo exagero. No rosto meio oval engastam-se os olhos claros, francos e leaes, freqüentemente occultas pelas palpebras níveas, franjadas de ebano; sombrancelhas bem desenhadas e nariz um tanto curvo. [...] Estudiosa e compenetrada dos seus deveres é Mlle. extremamente apreciada pelos mestres que não lhe regateiam elogios, o que faz as collegas ralarem-se de inveja. Grande apreciadora dos bons romances, Mlle. Z. D. V. é encontrada invariavelmente com um livro de Dumas, o seu auctor predilecto, durante as viagens de bonde. Por ler tanto a *Dama das Perolas* é que Mlle. dedica-se extraordinariamente ao ingrato ausente. Faz mal procedendo assim, porque muitas vezes a demasiada fidelidade é prejudicial e mesmo inconveniente. Feiticeira. (*Futuro das Moças*, 09/05/1917).

Esses e outros exemplos expõem a vida cotidiana da capital, bem como a relação histórico-cultural da educação da mulher pela imprensa feminina, em que o conhecimento em vários domínios, a característica física, o comportamento e a conduta moral se mesclam na construção da sociedade carioca de meados do século XX.

Considerações finais

Na perspectiva de uma descrição histórico-documental da sociedade do Rio de Janeiro no período de 1917-1918 e com base nos dados publicados nos diversos números do *Futuro das Moças: Semanário Ilustrado*, pude verificar a extensão da história da formação docente do Brasil pela Escola Normal influenciando a história da imprensa feminina, ou vice-versa.

Paralelamente a esse panorama, representava inclusive ainda o aumento da responsabilidade da mulher, seja como professora, seja como escritora, diante da sociedade, que, através de informações, sugestões e conselhos veiculados pela imprensa, acompanhava, vigiava e disciplinava o comportamento da mulher pelos periódicos femininos no século XX.

Referências

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN: Periódicos. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/3>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

BRASIL. Decreto n. 6.379, de 30 de novembro de 1876. Crêa, no Municipio da Côrte, duas escolas normaes primarias. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 1º dez. 1876.

BRASIL. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império. Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 – primeira parte. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional 1878.

CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. Rio de Janeiro: Ática, 1985.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FUTURO DAS MOÇAS: Semanário Ilustrado. Rio de Janeiro: [s. n.], 1917-1918.

GOMEZ, Lucas Gabriel Franco; RAMOS, Lilian Maria Paes de Carvalho. Revisitando as políticas de formação de professores no Brasil. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 10, n. 3, p. 130-153. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v10n3p130-153>. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/7719>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

KULESZA, Wojciech Andrzej. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 79, n. 193, p. 63-71, 1998. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1018/992>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação*. Brasília, DF: Inep, 2001.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Unicamp, 1999.

NAGLE, Jorge. *Palestra proferida no I Encontro de Historiadores da Educação Cearense*. Fortaleza: UFC, 22 maio 2002.

PRIMITIVO, Moacyr. *A instrução e o Império: subsídios para a História da Educação no Brasil-1854-1889*. São Paulo: Companhia Nacional, 1938. v. 3.

SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira e. *A Escola Normal do Ceará: luzes e modernidade contra o atraso na Terra da Seca (1884-1922)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2001.

SOUSA, Joaquim Moreira. *Sistema educacional cearense*. Pernambuco: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, S/D.

TANURI, Leonor Maria. Contribuição para o estudo da Escola Normal no Brasil. *Pesquisa e Planejamento*, São Paulo, v. 13, p. 7-98, 1970.

TORRES, Joaquim José Rodrigues. *Decreto de criação da escola normal 1835 n. 10*. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99970>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

Recebido em fevereiro de 2019.

Aprovado em abril de 2019.